**RELATO DE EXPERIÊNCIA: A OBSERVAÇÃO DA ATUAÇÃO DE UM PSICÓLOGO EM UM HOSPITAL PEDIÁTRICO**

Kallynka Sammaryna Bueno Gomes[[1]](#footnote-1)

Bruno Jardini Mäder[[2]](#footnote-2)

**RESUMO**

Este estudo tem como objetivo relatar a experiência de observação realizada em um Hospital Pediátrico de Curitiba e da atuação da profissional de psicologia nos atendimentos realizados com os pacientes e seus acompanhantes. Será apresentado uma reflexão sobre os principais aspectos destes atendimentos. O relato teve como base os pressupostos teóricos CAMON (2002), FERNANDES et al (2011) e FOSSI, & GUARESCHI (2004) e o relato de experiência. A observação teve duração de 1h30min. A psicóloga A. foi a responsável pelo os atendimentos e os espaços do hospital.

No primeiro leito, havia uma bebê sozinha. No entanto, em seguida chega a mãe deste bebe, e a psicóloga inicia um atendimento com essa mãe, que apresenta traços de ansiedade e preocupação, a mãe relata que a bebê nasceu prematura e possuía 22 dias. Estava no hospital devido a um problema de refluxo, pois vomitava e ficava roxa. Relata que devido sua falta de experiência se assustava com esta situação e também já havia perdido um bebe em uma outra gestação. Segundo Fernandes et al. (2011) quando as mães possuem o seu bebê no internamento, vivenciam diferentes sentimentos que geram medo, angústia e insegurança diante das dúvidas da vida do filho. No entanto, quando recebem apoio e auxilio, as mães superam seus medos, culpa e insegurança, cuidando do bebê e aos poucos *“aprendendo e aceitando ser mãe de um prematuro”* (FERNANDES et al. 2011, p. 4041).

Era observável a preocupação que a mãe tinha com o recém-nascido, e não apenas pelo internamento, mas também com a educação da filha, com as mudanças que poderiam ocorrer no seu cotidiano, a expectativa familiar, enfim, eram várias questões. Por fim a mãe acrescenta que mal saia do leito para comer e quando saia não ficava fora mais que cinco minutos. A partir da descrição deste relato, pode-se ressaltar, segundo Camon (2002) o nascimento do bebê estreia um novo ciclo nessa relação, fornecendo uma nova dimensão ao apego, ou seja, “*agora não é mais o filho idealizado, mais sim o bebê real”*. Assim, ocorre a “*formação de um vínculo entre duas pessoas com características próprias de cada uma”* (CAMON, 2002, p. 88).

No segundo leito havia uma paciente adolescente que têm 16 anos e apresentava um quadro de diabetes tipo 2 que teve crises devido a doença e foi internada para tratamento, porém já estava no processo de alta. Ao chegar no quarto a adolescente se encontrava deitada na cama dormindo, a psicóloga, estava indo dar alta, porém não interrompeu o sono da menina e seguimos para o próximo quarto.

No terceiro e último leito fomos ver um bebê, que têm uma doença degenerativa nas mitocôndrias. A criança estava dormindo. A psicóloga inicia o atendimento com a mãe e pergunta como a bebe estava, se a mãe já havia conversado com os médicos, se possuía alguma dúvida, se a criança continuava tomando medicação. Através das perguntas a mãe foi relatando que a menina estava um pouco melhor, e estava aprendendo alguns procedimentos com os enfermeiros, com a fonoaudióloga que havia atendido a criança pelo período da manhã, assim como a médica pediatra.

A psicóloga, orienta esta mãe que sempre que tivesse incertezas referente aos procedimentos poderia perguntar novamente, para que não ficasse com dúvidas.

Após a finalização do atendimento com a mãe, a psicóloga conversa com a médica pediatra e informa que precisa falar com os enfermeiros que atendem a criança, porque a mãe tem dificuldades de compreender os processos com os aparelhos e a medicação. Segundo Fossi e Guareschi (2004) no cotidiano do hospital, os psicólogos, na maioria das vezes desempenham o papel de intérprete entre os médicos e os pacientes, ressaltando que as “*questões subjetivas são exclusivas do psicólogo e as orgânicas do médico*” (FOSSI & GUARESCHI 2004, p. 38). No entanto o atendimento tem que ser realizado em conjunto, pois o indivíduo não é apenas somático ou psíquico (FOSSI & GUARESCHI 2004).

Após o término das visitas, concluí que deve ocorrer um vínculo entre o profissional da saúde e o paciente, um atendimento multiprofissional e a interação entre à equipe. Isso será necessário para que a intervenção e o cuidado alcancem a dimensão do ser humano, considerando as diversidades do paciente e até mesmo dos acompanhantes. Dessa forma, o trabalho multiprofissional mostra-se fundamental no atendimento no hospital, na frequência em que médicos, enfermeiros, psicólogos, nutricionistas e os demais envolvidos nesse atendimento constituam uma interação, para que o indivíduo seja visto como um todo, para que este tenha um atendimento humanizado, observando outras carências dos usuários *(*FOSSI & GUARESCHI, 2004).

**Palavras Chaves:** Paciente; Vínculo; Psicólogo; Atendimento Multiprofissional.

1. Acadêmica do 6° Período de Psicologia do Curso de Graduação em Psicologia Faculdades Pequeno Príncipe (FPP). [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Paraná - UFPR. Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná. Psicólogo do Hospital Infantil Pequeno Príncipe, Docente do Instituto de Ensino Superior Pequeno Príncipe e conselheiro efetivo do Conselho Regional de Psicologia 8a. Região. [↑](#footnote-ref-2)